

Gabriel Rodrigues Bhering¹

Universidade Federal de Minas Gerais.

Resumo

Neste texto, será apresentado o argumento do Arquifóssil presente no primeiro capítulo do livro *After Finitude* do filósofo francês Quentin Meillassoux. Para isso, serão fornecidas as bases históricas do movimento em que a obra se insere e elaborados os conceitos que precedem o argumento, sendo estes a distinção entre qualidades primárias e secundárias e o correlacionismo. O argumento em questão busca tornar evidente o embaraço kantiano, que se estende a múltiplas correntes na história da filosofia, ao tentar produzir juízo acerca de enunciados que datam antes da emergência da vida na Terra. Depois, apresentar-se-á alguns desdobramentos do argumento no projeto de Meillassoux, que, adotando a postura pós-crítica, irá desenvolver seu materialismo especulativo buscando evitar as armadilhas correlacionistas. Ao final, será fornecido um breve panorama acerca da bibliografia utilizada para o leitor interessado.

Palavras-Chave: Realismo Especulativo, Quentin Meillassoux, Correlacionismo, Arquifóssil.

Abstract

In this text, the argument of the archi-fossil from the first chapter of Quentin Meillassoux's book "After Finitude" will be presented. To do so, the historical foundations of the movement in which the work is situated will be provided, along with an elaboration of concepts preceding the argument, specifically the distinction between primary and secondary qualities and correlationism. The aim of this argument is to highlight Kant's predicament, which spans multiple currents in the history of philosophy, when attempting to make judgments about statements predating the emergence of life on Earth. Subsequently, some ramifications of Meillassoux's argument in his project will be presented, where he, adopting a post-critical stance, develops his speculative materialism in an effort to avoid the pitfalls of correlationism. Finally, a brief overview of the bibliography used will be provided for interested readers.

Keywords: Speculative Realism, Quentin Meillassoux, Correlationism, Archifossil.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gbhering13@gmail.com

Introdução

O livro *After Finitude* representa um marco no pensamento contemporâneo e inaugura possibilidades especulativas para a filosofia. Em seu primeiro capítulo: *Ancestrality*, Quentin Meillassoux irá, através de seu diagnóstico de correntes de pensamento contemporâneas, apontar os erros e embaraços das posturas convergentes que as filosofias kantiana e pós-kantiana compartilham, através de um perspicaz argumento envolvendo enunciados científicos acerca de materiais que precedem a vida e a consciência.

O trabalho de Meillassoux é comumente associado à corrente chamada de “Realismo Especulativo”, principalmente dada a proximidade de seus outros integrantes com a crítica ao correlacionismo, que será exposta neste texto. Por considerarmos o movimento essencial para entender a proposta da obra, comecemos por apresentá-lo.

“Realismo Especulativo” e o projeto de Meillassoux

O termo “Realismo Especulativo” figura entre aspas pois pode denominar o aspecto doutrinário de movimento filosófico rejeitado em boa parte por seus integrantes, ou a simples alocação de ideias sem relevante uniformidade sob um termo “guarda-chuva”. Dito isso, o movimento surgiu a partir do colóquio de mesmo nome organizado por um dos integrantes do movimento, Ray Brassier, em 27 de abril de 2007, na Goldsmiths, University of London:

Ao invés de anunciar o advento de uma nova “doutrina” ou “escola” teórica, o evento reuniu quatro projetos filosóficos ambiciosos - todos eles problematizavam ousadamente as bases subjetivas e antropocêntricas de grande parte da “filosofia continental”, enquanto diferiam significativamente em suas respectivas estratégias para superá-las. É precisamente essa singularidade de cada participante que permitiu o surgimento de uma discussão frutífera. Ao lado da articulação de vários desafios a certas premissas idealistas, também havia uma determinação dos obstáculos que qualquer realismo contemporâneo deve superar. Assim, algumas das questões-chave sob escrutínio incluíam o status da ciência e da epistemologia na filosofia contemporânea, a constituição ontológica do pensamento e a natureza de objetos independentes do sujeito (Mackay, 2007, p. 307, tradução nossa).

Os quatro projetos filosóficos eram aqueles de Ray Brassier, Iain Hamilton Grant, Graham Harman e Quentin Meillassoux. Assim, como observa Alberto Toscano, moderador do evento, por maiores que sejam suas diferenças, os quatro projetos compartilham uma interrogação incisiva à tradição continental que deságua no repúdio às ortodoxias sintomáticas da exaustão conceitual da tradição. Essa exaustão se dá, por exemplo, pela prevalência de autores sob a identidade de X-ianos (husserlianos, deleuzianos, wittgensteinianos, etc.) que estariam fazendo filosofia em nome de outros. O projeto do

“Realismo Especulativo”, então, força a tradição filosófica a tomar uma decisão entre a possibilidade de um futuro audacioso, original e especulativo ou a própria filosofia.

Os autores sob o guarda-chuva do “Realismo Especulativo” convergem, por motivos diferentes, sob uma específica posição no debate entre realistas, idealistas e correlacionistas, termo esse que virá a ser cunhado por Meillassoux. Os realistas defendem a existência de um mundo completamente independente do pensamento humano enquanto os idealistas defendem o contrário, alegando a primazia e dependência do pensamento para a construção desse mundo. O correlacionismo situa-se no embate propondo uma versão mitigada das duas, onde o homem e o mundo só podem ser pensados a partir de sua correlação mútua e, conseqüentemente, a relação homem-mundo torna-se o objeto único da filosofia. A empreitada do “Realismo Especulativo”, portanto, é a de opor-se ao correlacionismo e propor uma reativação da tese realista capaz de esquivar-se de sua versão ingênua (Harman, 2011). Essa esquivia torna-se visível na medida em que os autores estão interessados na estranheza daquilo que pode residir no *Grande Fora* [*Grand Dehors/Great Outdoors*] chamando de “especulativo” aquilo que se propõe a pensar formas do absoluto completamente independentes da intersubjetividade humana (Meillassoux, 2009, p. 34).

O trabalho de Meillassoux, então, é melhor compreendido quando analisado a partir de seu diagnóstico de esgotamento da filosofia contemporânea. Esse diagnóstico tem origem na predominância do correlacionismo, que defende não podermos conhecer algo além da correlação entre sujeito-objeto, cujas origens datam à concepção da tradição crítica desenvolvida por Immanuel Kant. Enfim, o autor entende a Era da Correlação (que estende-se por diversos períodos da filosofia) como aquela

em que o pensamento filosófico está enclausurado na correlação, uma era paradigmaticamente antimaterialista, um cabo de guerra entre o gesto antiespeculativo do correlacionismo contra o gesto metafísico do subjetalismo, enquanto um nega a possibilidade alcançar o absoluto o outro abraça-a subjetivamente, utilizando da própria correlação como meio e fim (Cecchini, 2022, p. 55).

O autor reconhecerá, em seu argumento do Arquifóssil, que, enquanto a ciência moderna é capaz de produzir juízos acerca da exterioridade em relação à subjetividade humana (ou o *Grande Fora*), os esforços kantianos buscam forçar esses resultados de volta a visão correlacionista e deparam-se com contradições. Meillassoux se inspira na Revolução Copernicana, que promoveu um desvio conceitual do antropocentrismo à prioridade das ciências naturais, e cunha um termo para sua subversão: a Contrarrevolução Ptolomaica. Esta, encabeçada pela filosofia contemporânea em sua maioria, buscará reintegrar o antropocentrismo nas ciências naturais usando do correlacionismo como vetor. Enquanto Copérnico rebaixou o observador preso à Terra (*Earthbound*) de uma posição privilegiada a uma subordinada, a virada filosófica kantiana priorizará os modos cognitivos de agentes

racionais como modos incontornáveis de acesso à realidade independente (Gratton; Ennis, 2015).

Qualidades primárias e secundárias

A fim de começar sua reconstrução das possibilidades de pensar a exterioridade, Meillassoux recorda a doutrina das qualidades primárias e secundárias (abreviadas aqui como QP e QS) como algo obsoleto de um passado filosófico que há de ser reabilitado. Descartes, por exemplo, apresentou distinção similar mesmo que não tenha usado os termos que serão mais tarde cunhados por John Locke. Meillassoux, de toda forma, reconhece que os autores entendem essa distinção de maneiras diferentes e por isso trata dela em um conjunto que considera comum aos autores. Assim, uma QP seria toda qualidade inseparável de um objeto (ou pertencentes efetivamente a este) e independentes de qualquer sujeito. As QS, por outro lado, representam toda qualidade necessariamente captada pelo aparato sensorial que apreende o objeto. As QP e QS distinguem, respectivamente, as qualidades que são *em si* (ou até *sem nós*) e as qualidades que são *para nós*. No texto, alguns exemplos de QS são dor, gosto, som e beleza. Para que essas qualidades existam é necessário que exista sujeito com aparato sensorial, assim “quando me queimo em uma vela, espontaneamente sinto a sensação de queimação no meu dedo, não na vela. Não estou tocando em uma dor que estaria presente na chama como uma de suas propriedades” (Meillassoux, 2009, p. 1, tradução nossa).

Aqui, entendemos que existe uma ligação constante entre o objeto e sua sensação para compor uma QS: se não houver coisa capaz de nos dar a sensação de vermelhidão, não haverá percepção da coisa vermelha. O sensível, então, existe apenas como relação entre o mundo e o sujeito; isto é, o sensível não reside nem no sujeito nem no objeto como propriedade, mas sim justamente como a relação entre os dois (Meillassoux, 2009, p. 2).

Para definir uma QP, Meillassoux rejeita o conceito de extensão cartesiana que abarca propriedades geometricamente comprováveis, como comprimento, largura e profundidade. Isso se dá porque, para o autor, não é possível imaginarmos qualquer propriedade dessas sem evocar alguma forma de QS que corresponda efetivamente a um *sem nós*: “não se pode imaginar uma extensão que não seja colorida, e, portanto, que não esteja associada a uma qualidade secundária” (Meillassoux, 2009, p. 3, tradução nossa). O autor afirma, então, que apenas os aspectos *matematizáveis* de um objeto podem ser pensados como propriedades do objeto em si. Ou seja, aquele capaz de pensar em termos matemáticos, elaborando fórmulas ou até digitalizações, estaria acessando uma QP do objeto.

Essa posição, contudo, não é um mero retorno ao pitagorismo. Como observamos, a reativação da tese cartesiana ocorre apenas sob filtros contemporâneos e, portanto, envolve um argumento mais robusto do que aquele de que, no final das contas, “tudo é número”. A manifestação da verdade de uma formulação matemática não se torna evidente na medida em que o objeto é, na realidade, sua matematização. Esse processo não é, de toda forma, imediato. A especulação matemática provém de uma configuração intelectual específica acerca de uma realidade independente do sujeito (efetivamente *sem nós*). Por isso, é o fato de que a realidade da qual as QP pertencem poderia ser qualquer uma (e então contingente) que as diferem daquelas da extensão cartesiana.

Portanto, com relação às qualidades de um objeto, temos:

- As QP são as características matematizáveis de um dito objeto (não exige participação de um sujeito – *sem nós*).
- As QS são aquelas apreendidas pelo aparato sensorial de um sujeito (exige a participação de um sujeito).
- A relação entre o objeto e sujeito é o que chamamos de sensível.

Correlacionismo

Meillassoux considera sua retomada cartesiana um esforço difícil de ser levado a sério por ser *pré-crítico*. Aqui, *pré-crítico* refere-se, em termos gerais, à empreitada kantiana de estabelecer condições de possibilidade para o conhecimento ou, melhor dizendo, os limites do que é cognoscível e legítimo. Qualquer empreendimento filosófico que busque reativar as QP, pensando um *sem nós*, pode ser considerado um retorno à metafísica dogmática. Acessar um *sem nós* seria, nessa visão, contraditório, visto que qualquer pensamento sobre uma qualidade sem nós envolve um pensamento que já é necessariamente *para nós*. Essa forma *pós-crítica* de pensar prevê que não podemos saber nada sobre o mundo além da nossa relação com este, não podemos pensar o impensável. Por isso, os objetos seriam apenas mais instâncias de relações sujeito-objeto.

Neste primeiro momento, essa noção será chamada de *correlacionismo* e Meillassoux a define como “a ideia de que temos acesso apenas à correlação entre o pensamento e o ser, mas nunca a qualquer um dos termos considerados separadamente do outro” (Meillassoux, 2009 p. 5, tradução nossa). Aqui, não existiria possibilidade de considerarmos a objetividade separada da subjetividade. A filosofia contemporânea, em termos gerais, pertencerá à Era da Correlação, visto que essa era engloba muitas correntes filosóficas através da história. Dito isso, o autor chama de “círculo correlacionista” o argumento correlacionista de que

entraríamos em um círculo vicioso ao tentarmos pensar o *em si* de algo: já que pensar o *sem nós* envolve necessariamente o *para nós*, é impossível pensar o impensável.

Além disso, é denominado “passo de dança correlacionista” o argumento de que seria ingênuo pensar no sujeito e no objeto como duas entidades independentes que possuiriam uma relação extra adicionada aos dois, porque, para os correlacionistas, essa relação já estaria embutida: “O mundo é apenas mundo na medida em que se apresenta a mim como mundo, e o eu é apenas eu na medida em que está cara a cara com o mundo, aquele para quem o mundo se revela” (Huneman; Kulich, 1997, p. 54 *apud* Meillassoux, 2009, p. 5, tradução nossa). Meillassoux nota que o passo de dança lembra uma jaula transparente, onde por mais que o acesso à exterioridade seja possível, esse está sempre confinado pela mediação; ou, do outro ponto de vista, acessamos o sujeito, mas nunca diretamente e sim a partir da exterioridade (Cecchini, 2022).

Os correlacionistas, então, não pensariam mais os “substratos” da realidade e sim em “correlatos” (ou “meios” de correlação) que mediariam nosso acesso ao mundo. Os exemplos de correlatos mais relevantes na filosofia moderna são a consciência e a linguagem, fazendo referência às tradições fenomenológica e analítica respectivamente. Podemos especificar algumas instâncias dessas referências: o ego transcendental em Husserl, jogos de linguagem em Wittgenstein, relações de poder em Foucault e assim por diante. Contudo, cabe especificarmos onde mora o ponto de convergência correlacionista em cada caso e, para isso, retornaremos à tese inicial acerca do gesto *pós-crítico*.

A tese de Kant consiste em afirmar que os objetos se conformam à mente – e não o contrário. O filósofo alemão assegura que há realidade independente do sujeito mas que o conhecimento desta é condicionado à nossa experiência. Nesse sentido, a mente estrutura a própria realidade, não resumindo-se, por exemplo, a um espelho. Não seria possível adotar a posição de uma terceira pessoa para distinguir o que é construção mental nossa e o que realmente é em si, por exemplo. Fica claro, então, que a posição da Era da Correlação não segue exatamente o raciocínio kantiano. O ponto de convergência, na verdade, mora na asserção de que o nosso conhecimento estaria restrito a aparências e apenas a correlação entre o que é e o que pensamos que é faz-se acessível. O argumento, para Meillassoux, define-se assim:

Não há X sem a doação (*givenness*)² de X, e não há teoria sobre X sem a postulação de X. Se você fala sobre algo, você fala sobre algo dado a você e postulado por você. Consequentemente, a frase: “X é”,

² Aqui, o termo doação (*givenness*) refere-se às condições de possibilidade como explicitado em: “*The first decision is that of all correlationism – it is the thesis of the essential inseparability of the act of thinking from its content. All we ever engage with is what is given-to-thought, never an entity subsisting by itself*” (Meillassoux, 2009, p. 36).

significa: “X é o correlato do pensamento” [...]. Isto é: X é o correlato de uma afecção, ou uma percepção, ou uma concepção, ou qualquer ato subjetivo. Ser é ser um correlato, um termo de uma correlação. E em particular, quando você afirmar saber qualquer X, você deve postular esse X, que não pode então ser separado de ato especial de postulação, de concepção. É por isso que seria impossível conceber um X absoluto, por exemplo: um X que seria essencialmente separado de um objeto. Não podemos saber qual é a realidade do objeto em si, porque não podemos distinguir entre propriedades que se supõe pertencerem ao objeto e propriedades que pertencem ao acesso subjetivo ao objeto (Mackay, 2007, p. 409, tradução nossa).

Entendamos então a diferença entre correlato, correlação e correlacionismo. Por correlato, entende-se “um fato primordial que torna nula e vazia a crença na pensabilidade de um ‘em-si’ que transcende todo o pensamento” (Meillassoux, 2016, p. 119, tradução nossa); a correlação é a condição na qual um sujeito observa o mundo “de fora” (mas nunca o Grande Fora); e, em termos gerais, o correlacionismo configura-se como qualquer filosofia que sustente a impossibilidade de aceitar um ser além do pensamento através do pensamento. O pensamento, para o correlacionista, é fundamentalmente incapaz de sair de si mesmo e visitar um mundo não afetado por nossos modos de apreensão (Meillassoux, 2016, p. 119).

O correlacionismo, então, possui dois *modelos* distintos: aquele do próprio Kant, o correlacionismo fraco, e o das correntes pós-kantianas, o forte:

- Modelo fraco: Este modelo denomina-se fraco porque não barra qualquer relação entre o pensamento e o absoluto. Tal modelo é notório em Kant ao assegurar que a coisa-em-si é incognoscível, porém pensável. Assim, a ênfase do projeto kantiano é não em conhecer a coisa-em-si, mas supô-la para investigarmos o que é possível ou não conhecermos. Aqui, portanto, a relação do sujeito com o absoluto independente desse sujeito não está barrada por completo, apenas limitada (Cecchini, 2022).
- Modelo forte: Este modelo prevê a coisa-em-si tanto como incognoscível como impensável fora da correlação. Por isso, há uma primazia do correlato, nada podemos dizer daquilo fora do pensamento, sendo “impensável que o impensável seja impossível” (Meillassoux, 2009, p. 41, tradução nossa). Este modelo questiona o anterior exatamente acerca da natureza da operação que nos assegura o que é impensável e o que é impossível em si, como se um pensamento pudesse sair de si mesmo para verificar essa possibilidade (Meillassoux, 2009, p. 35).

A partir dessa distinção, o filósofo irá encontrar no modelo forte duas propriedades específicas que lhe servirão adiante: o círculo correlacional (presente nos dois modelos) e a *facticidade* de correlação (um princípio que afirma a própria correlação como fato). O círculo

correlacional, como vimos, sustenta que o pensamento é inseparável de seu conteúdo, ou seja, há primazia do correlato; já o segundo argumento busca distinguir-se do modelo fraco.

A facticidade da correlação assegura que a correlação não é absolutamente necessária. É essencial que entendamos que é acessível ao pensamento que o pensamento não seja capaz de pensar absolutos. Portanto, “essa possibilidade pensável de não necessidade de correlação é exatamente o que chamo de ‘facticidade correlacional’” (Meillassoux, 2016, p. 135, tradução nossa). Segundo o argumento, o que resta ao pensamento é somente pensar a correlação ela mesma e, por causa disso, toda forma de a-subjetividade está bloqueada, visto que tudo *participa* da correlação *posta* como absoluto (Cecchini, 2022). Para Meillassoux, “facticidade é irrazão do que nos é dado assim como suas invariantes” (Meillassoux, 2009, p. 41, tradução nossa).

[...] O argumento da facticidade da correlação adotado pelo modelo forte do correlacionismo nada mais é que o abandono da necessidade da correlação, sua completa desabsolutização. Onde é impossível deduzir necessariamente essas invariantes fundamentais para a representação a partir da conclusão de que elas só podem ser descritas. Sustentar a ausência da necessidade e de fundamento para a correlação, nesse processo desabsolutório, significa sustentar a possibilidade de sua mudança ou do seu fim, e não a necessidade dessa mudança (Cecchini, 2022, p. 31).

É com entendimento da estrutura argumentativa do correlacionismo pareado com o diagnóstico da filosofia contemporânea sob a Era da Correlação que surge, como forma de demonstrar uma falha correlacionista, o argumento do Arquifóssil.

O argumento do Arquifóssil

Meillassoux nota que atualmente as ciências empíricas são capazes de produzir enunciados sobre eventos anteriores à vida e à consciência. Esses enunciados envolvem a datação precisa (ainda que revisável) de objetos a partir, geralmente, da medição da taxa constante de decaimento de um núcleo radioativo, ou de leis da termoluminescência. O autor define qualquer realidade anterior à vida na terra como “ancestral”; e os materiais que indicam a existência de uma realidade/evento ancestral como “Arquifóssil” – tais como a taxa de decaimento radioativo de um isótopo ou a emissão de luz de uma estrela (Meillassoux, 2009, p. 10). A sua indagação concerne como o correlacionismo interpretaria um enunciado científico ancestral.

Para um cartesiano, por exemplo, qualquer enunciado ancestral remeteria às QP do objeto, visto que a taxa de decaimento radioativo de um isótopo, por exemplo, pertenceria efetivamente ao objeto em questão. O que seria correto para a tese cartesiana é que um enunciado ancestral possui um referente postulado como real quando validado pela ciência

empírica em um dado momento histórico. Já podemos perceber que o projeto correlacionista enfrentará problemas com a identificação de uma qualidade exterior à toda experiência. Por isso, o correlacionista, frente a um enunciado ancestral do tipo “evento Y aconteceu X anos antes dos humanos” incluiria o codicilo “para humanos” a fim de incluir a ideia de que o que foi comprovado, foi comprovado *para nós*. Seria impossível, então, o correlacionista interpretar o enunciado literalmente, isto é, pensado de forma realista. Na verdade, o modo de se dar conta do fato seria restringir sua verdade ao que nos é dado no presente, ou seja,

A fim de compreender o significado profundo do *datum* do arquifóssil, não se deve começar a partir do passado ancestral, mas sim do presente correlacional. Isso significa que precisamos realizar uma *retrojeção do passado com base no presente*. O que nos é dado, na verdade, não é algo que seja anterior à doação (*givenness*), mas apenas algo que é dado no presente, mas se apresenta como anterior à doação (Meillassoux, 2009, p. 16, tradução nossa, grifos nossos).

Portanto, para o pensamento correlacionista, a medição de um objeto ancestral não pode seguir sua ordem cronológica até a atualidade visto que a própria noção espaço-temporal é fruto da emergência da consciência. O objeto ancestral, então, é medido conforme aparece para nós hoje e sua medição remete a uma projeção (ou *retrojeção*) do passado, não a um passado real. O entendimento correlacionista, então, pode ser desafiado com as seguintes indagações acerca do sentido de um enunciado que mede o tempo de um evento ancestral: *O que aconteceu a Y anos atrás? O evento ancestral X aconteceu? Sim ou não?* O correlacionista será obrigado a admitir ambas respostas:

- *Sim*: A intersubjetividade da comunidade científica concorda na validade do enunciado. Portanto, a medição está correta.
- *Não*: O referente do enunciado não pode ter existido da maneira descrita literalmente, visto que este não é correlacionado (com uma consciência, por exemplo).

Essas respostas engendrariam a seguinte afirmativa, classificada pelo autor como “extraordinária”: “O enunciado ancestral é uma declaração verdadeira, no sentido de que é objetiva, mas cujo referente não pode possivelmente ter existido da maneira como essa verdade o descreve” (Meillassoux, 2009, p. 16-17, tradução nossa). Aqui, a intersubjetividade científica estaria concordando acerca de uma medição impossível de ser comprovada na realidade; o número em questão não teria valor algum. É evidente, contudo, que os cientistas não veem dessa forma. Não se mede algo apenas para comprovar que a medição é válida universalmente, a medição certamente possui um referente real posicionado cronologicamente que o correlacionismo não consegue dar conta. A ciência moderna é capaz, de forma única, de produzir “modos de conhecimento não-correlacionais” acerca do “*Grande Fora*” da subjetividade humana. O enunciado ancestral possui uma necessidade realista irremediável – e qualquer outra tentativa de produzir juízo acerca deste culminará na falta de sentido.

Consequências do Arquifóssil

Pois pode ser que os filósofos contemporâneos tenham perdido *o Grande Fora, o absoluto* exterior dos pensadores pré-críticos: aquele exterior que não era relativo a nós e que era dado como indiferente à sua própria doação para ser o que é, existindo em si mesmo independentemente de estarmos pensando nele ou não (Meillassoux, 2009, p. 7, tradução nossa).

O argumento do Arquifóssil implica no reconhecimento da ancestralidade enquanto problema filosófico. O projeto do livro, contudo, não é o de resolver suas questões subsequentes, mas explicitá-las de forma que estas não parecem mais inconcebíveis como a Era da Correlação nos fez *não* perceber. O problema erguido, portanto, nasce a partir do embaraço de tentar conciliar o sentido de enunciados ancestrais e a necessidade de manter o correlacionismo de pé. Adiante, o questionamento torna-se mais complexo ao explicitar a capacidade das ciências de produzir conhecimento válido e a nossa de não apreender seu sentido (Meillassoux, 2009, p. 26). Para o autor, é aqui que o “paradoxo do Arquifóssil” faz-se presente: Como pode algo manifestar sua existência anterior à manifestação? No mais, o que é aquilo que concede este poder ao discurso matematizável?

Como expusemos, Meillassoux concorda com Descartes acerca do potencial absoluto da matemática, mas discorda acerca daquilo que assegura esse potencial. O último acreditava que Deus, por ser perfeito, assegura a validade do uso da matemática; Meillassoux, por outro lado, enfatizou que a única direção viável era aquela *pós-crítica* onde invocar um Deus não é mais uma opção viável (Gratton; Ennis, 2015).

O projeto pós-crítico

A fim de entender porque Meillassoux afirma que seu empreendimento não é um mero retorno dogmático a partir da reativação de teses dogmáticas, devemos entender adiante o contexto em que o projeto se insere.

Para Descartes, o argumento da existência de Deus sustenta-se porque sua não existência seria contraditória, isto é, a existência é necessária para a definição de Deus. A tarefa kantiana trata-se, então, de provar que a não existência de Deus não implica em contradição. Essa prova se dará a partir do reconhecimento que nenhum ente pode ter, *a priori*, um predicado de existência absoluta. Isto é, não pode fazer parte do predicado de um sujeito que ele necessariamente deve existir: a existência faz-se presente em predicados, mas não pode constituí-lo apenas. É como implicação dessa refutação que o diagnóstico acerca da metafísica dogmática surge.

Aqui pareceria que este tipo de necessidade, da definição incluir a existência absoluta, pode ser encontrada em todas as variantes de metafísicas dogmáticas, mantendo que alguma entidade determinada deve absolutamente ser e ser da forma que é, seja esta a Ideia, o puro Átomo, a alma indivisível, mundo harmonioso, Deus perfeito, substância infinita, Mundo-Alma, história do mundo, etc. A metafísica, então, culmina no próprio argumento ontológico (Meillassoux, 2009, p. 32). A extensão da refutação também engloba o princípio da razão suficiente, que prevê existir uma razão para todas as coisas e fatos. Esse princípio, notadamente, gera um regresso infinito de razões, a não ser que exista uma razão não condicionada por nenhuma outra e capaz de transmitir seu estatuto de verdade para outras razões. Portanto, uma metafísica dogmática caracteriza-se por ter ao menos uma entidade necessária, por conta da necessidade de existência, que culminaria em toda entidade sendo necessária, pela sua propriedade de transmitir razões. A negação desse *framework* por Meillassoux implica na negação de qualquer entidade necessária e, para o autor, estende-se à crítica de ideologias, que consiste em demonstrar que uma situação social tida por inevitável é na verdade contingente. A crítica da metafísica, em suma, é o entendimento que toda metafísica é uma fabricação ilusória de entidades necessárias (Meillassoux, 2009, p. 34).

Com isso, a fim de conciliar a manutenção do sentido de enunciados ancestrais e a tradição pós-crítica, evitando um retorno dogmático, deve-se pensar em necessidades absolutas que não reativem nenhuma entidade necessariamente absoluta. Isto é, devemos chegar a um absoluto de tal forma que não inclua, no predicado de um sujeito, sua existência absoluta ou ainda, nas palavras do autor, pensar uma necessidade absoluta sem pensar em nada que é absolutamente necessário. Este aparente impasse encontra uma resolução na noção de que toda metafísica é especulativa, mas nem toda especulação é metafísica. Aqui, ainda haveria espaço para especular acerca de absolutos sem render-nos a algum ente necessário. Para Meillassoux, é a partir da noção de facticidade que encontramos a saída na forma do projeto do autor: o *materialismo especulativo*. Aqui, a facticidade é um princípio não-metafísico mas que ao mesmo tempo não é um fato e, reativando a exploração de um princípio anipotético³ (ἀνυπόθετος), obtemos o Princípio da *Factialidade*, ou Princípio da Irração, como a essência, ou último estágio (Gratton; Ennis, 2015) da absolutização da facticidade do correlato. Sobre isso:

A definição típica de factualidade, como Meillassoux a utiliza, é encontrada no trabalho de Martin Heidegger. Lá, entende-se a factialidade como o fato bruto e contingente da existência de alguém, que só pode ser descrito em termos de sua finitude e não deduzido como algo que deveria ser o caso ou necessário. Meillassoux está principalmente preocupado com a factialidade da existência contingente do correlato: que poderia ser diferente. Além disso, ele está especialmente preocupado com sua

³ A noção de anipótese remete ao princípio de não-contradição aristotélico. Nunes, no *Meillassoux Dictionary*, nota a influência platônica do termo e, de acordo, define-o como “a founding principle of rational thought that is not irrationally posed (in a contingent way), but is instead itself founded in reason” (Gratton; Ennis, 2015).

factualidade como um gesto antiabsolutista que apenas estreita as possibilidades contingentes para o correlato, ou seja, não pode haver absoluto se a factualidade for apenas "minha" ou "para mim" (Gratton; Ennis, 2015, tradução nossa).

A partir do capítulo 3 da obra, *The Principle of Factuality*, o objetivo passa a ser provar a natureza contraditória do uso da facticidade pelo modelo correlacionista forte e absorvê-lo na construção de seu materialismo especulativo. Em suma, o que o idealismo sustenta como absoluto e necessário é a própria correlação, enquanto, do outro lado, Meillassoux defende que a facticidade só defende a absolutização do fato de que um correlato poderia ser, absolutamente, outro. Pode-se deduzir uma possibilidade absoluta de que algo pode ocorrer fora do pensamento e que um outro ser do pensamento que constitui o correlato é absolutamente possível (Gratton; Ennis, 2015).

Concluindo, o modelo forte do correlacionismo estaria admitindo implicitamente o caráter absoluto da contingência por fundamentar sua facticidade justamente na finitude, ou incapacidade de pensar o em-si. Meillassoux, então, vai além: para ele, essa contingência do correlato é uma propriedade de um em-si, onde tudo *participando* é absolutamente contingente. Desta forma, nem a própria posição correlacionista seria necessária. O princípio da factualidade esvazia a necessidade de absolutamente tudo que existe e paradoxalmente somente a contingência por si só é absolutamente necessária (Gratton; Ennis, 2015).

Considerações finais

O objetivo desse texto, como notamos no início, é de apresentar o argumento do Arquifóssil, suas bases históricas e conceituais. Tomamos liberdade de expandir acerca do correlacionismo, seus modelos, algumas consequências e prover um breve escopo de virá a ser o materialismo especulativo. Sobretudo, cabe a ressalva de que muitas construções do autor são vítimas de forte escrutínio. Temos como alvo de polêmicas e revisões a definição de contrarrevolução ptolomaica, a designação de múltiplas correntes filosóficas como correlacionistas, a construção do argumento do Arquifóssil, a escolha da datação de isótopos, a definição de QP (juntamente com a razão da rejeição da extensão cartesiana) e assim por diante. De fato, uma resposta correlacionista à pergunta apresentada na seção dedicada ao Arquifóssil pode tomar a forma de:

A criação do universo é algo que efetivamente ocorreu há 13.75 bilhões de anos, pelo menos de acordo com a melhor ciência atual; no entanto, o evento de isso se tornar um objeto do nosso conhecimento - tornando-se verdade para nós - só aconteceu recentemente, em 2010, quando o consenso científico se estabilizou em torno dessa medição (Gratton; Ennis, 2015, p. 27, tradução nossa).

Ademais, não exploramos a fundo as consequências da ancestralidade que engloba conceitos como fideísmo, contingência, ou a extensão do princípio de irrazão. Para interessados, *The Meillassoux Dictionary* (Gratton; Ennis, 2015) serve como guia conceitual para o pensamento de Meillassoux, envolvendo um conjunto mais geral de ideias do autor que não restringe-se a apenas a obra que apresentamos; *Quentin Meillassoux e a crítica ao correlacionismo* (Cecchini, 2022) trata com detalhamento acerca do aparato conceitual envolvendo o correlacionismo e enfrenta as críticas conferidas ao projeto; e, *Iteration, Reiteration, Repetition: A Speculative Analysis of the Sign Devoid of Meaning* (2016) é um artigo de Meillassoux no livro *Genealogies of Speculation: Materialism and Subjectivity since Structuralism* no qual o filósofo dá continuidade ao desenvolvimento de seu materialismo especulativo levando em conta a recepção e provendo alguns esclarecimentos acerca dos temas em *After Finitude*.

Referências

CECCHINI, B. D. N. **Quentin Meillassoux e a crítica ao correlacionismo**. Orientador: Daniel Pucciarelli. 2022. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

GRATTON, P. **Speculative Realism: Problems and Prospects**. London: Bloomsbury, 2014.

GRATTON, P.; ENNIS, P. J. (ed.). **The Meillassoux dictionary**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

MACKAY, R. (ed.). **COLLAPSE III**, Falmouth, 2007, p. 408-449.

MEILLASSOUX, Q. **After finitude: An essay on the necessity of contingency**. Tradução: Ray Brassier. New York: Continuum International Publishing Group, 2009.

MEILLASSOUX, Q. **Time without becoming**. Milan: Mimesis International, 2014.

MEILLASSOUX, Q. *Iteration, Reiteration, Repetition: A Speculative Analysis of the Sign Devoid of Meaning*. In: AVANESSIAN, A.; MALIK, S. **Genealogies of Speculation: Materialism and Subjectivity since Structuralism**. London e Nova York: Bloomsbury, 2016.

Recebido em: 20 de novembro de 2023.

Aceito em: 13 de dezembro de 2023.

ANÃNSI